

---

# A IMPORTÂNCIA DA ÁFRICA PARA A HISTÓRIA DO BRASIL

**Gláucia Quênia Bezerra de Lima**

Especialista em História e Cultura Afro-brasileira pela Instituição Leonardo Da Vinci (UNIASSELVI). E-mail: [glauciaquenia@gmail.com](mailto:glauciaquenia@gmail.com)

**A IMPORTÂNCIA DA ÁFRICA PARA A HISTÓRIA DO BRASIL****L'IMPORTANCE DE L'AFRIQUE DANS L'HISTOIRE DU BRÉSIL**

Gláucia Quênia Bezerra de Lima

**RESUMO**

Durante muitos séculos, o continente africano foi negligenciado pelos europeus. Eles roubaram toda a herança que a África construiu dentro da cultura, filosofia e ciência tornando hegemônicas essas áreas. É importante que, com a fácil acessibilidade a referências que a tecnologia oferece hoje ao ser humano, os africanos do continente e da diáspora passem a alimentar-se do conhecimento deixado por seus antepassados. A África tem sua própria e rica História, mesmo antes da invenção da escrita. E quando se fala África, é tanto o norte do continente, acima do Saara, como a parte Subsaariana já que muitas pessoas não associam o Egito, por exemplo, como um país africano. Chegou a hora de conhecer a verdadeira história africana pelos próprios africanos e não pelos europeus, que tentaram e conseguiram deturpar totalmente quaisquer informações positivas sobre o continente berço da humanidade. Portanto, este artigo visa a ajudar o leitor a construir seu próprio senso crítico por meio dos autores que defendem a importância da África para a História do Brasil.

**PALAVRAS-CHAVE:**

História da África; ciência; cultura; diáspora; Afrobetização

**RÉSUMÉ**

Durant plusieurs siècles, le continent africain a été négligé par les européens. Ils ont volé l'héritage que l'Afrique a construit dans la culture, la philosophie et science, devenant eux-mêmes hégémoniques dans ces secteurs du savoir. Avec l'accès facile aux informations que la technologie offre, il est important que les africains du continent et de la diaspora s'alimentent des connaissances légués par leurs ancêtres. L'Afrique a sa propre riche histoire, avant même l'invention de l'écriture. Et quand il s'agit de l'Afrique, c'est à la fois le maghreb et la partie subsaharienne. L'heure est arrivé de connaître la vraie histoire du continent par les propres africains, car les européens ont tenté de détruire et d'ignorer l'héritage indiscutable du berceau de l'humanité. Cet article vise à aider le lecteur à construire son propre sens critique.

**MOTS CLÉS:**

Histoire de l'Afrique; Histoire du Brésil; Science; Culture; Afrodescendant

**INTRODUÇÃO**

A História da África ainda é muito pouco explorada porque, de fato, pouco se sabe sobre este continente. Ao mesmo tempo em que há a necessidade de estudá-la porque o Brasil é sua extensão na cultura, tradição e forma de comunicação, o mundo também carrega herança africana e desconhece. Até o século XIX, os europeus monopolizaram o conhecimento, dando a si todo o crédito do que foi criado em África, negligenciando este continente tão rico em cultura, religiosidade e, o que poucos imaginam, em ciência. Com o advento da tecnologia, especificamente a Internet, ficou mais viável o acesso às informações sobre África. Hoje, não se pode mais responsabilizar somente a escola pelo desconhecimento sobre o continente. E, por isso, é importante que todo pesquisador se atente às informações verdadeiras, já que até hoje a maior parte da população mundial ainda acredita que África não é desenvolvida. Também é importante pensar no termo desenvolvimento sem perpetuar o conceito europeu de que apenas eles são referência de conhecimento; cada local se desenvolve de acordo com a sua realidade; cada cultura tem seu costume de acordo com o que lhe é necessário; cada filosofia se sustenta de acordo com o contexto de tal sociedade. Portanto, a Europa e tudo que vem dela não devem ser base comparativa única do certo e errado.

Em razão desta desconstrução emergencial que o afro-brasileiro precisa fazer, o presente artigo tem como objetivo explicitar que a História da África e História do Brasil precisam ser tratadas com a mesma importância. É preciso descreditar à África somente o cenário de fome, conflitos, miséria, barbárie e escravidão. Deve ser um dos primeiros objetivos da comunidade preta atual colocar no lugar dessas crenças impostas pelo opressor o direito do povo preto saber mais e melhor sobre suas origens e exaltar o que os antepassados deixaram de positivo para o mundo. Aqui, ainda, perceber-se-á que o termo ‘preto’ prevalecerá ao termo ‘negro’, já que este último foi criado sociologicamente para separar as pessoas pelo tom da pele e, conseqüentemente, preteri-las.

O Brasil tem como missão obrigatória se preparar historicamente no que se refere à África, principalmente por conta do contraste entre a forte herança cultural e fenotípica de uma população demograficamente dominante que se autodeclara afrodescendente, mas em contrapartida desconhece sua origem e muitas vezes a renega. Sabe-se que essa autonegação vem de guerra psicológica muito bem-feita pelos opressores a fim de fazer a população preta auto-odiar-se. Mas os tempos estão mudando e as pessoas estão se interessando mais em saber

sobre o continente que deu origem à humanidade. Para a construção contínua deste conhecimento é de extrema importância que todos trabalhem juntos: desde o cientista que encontra e comprova os fatos, a escola que propaga essas descobertas entre os alunos, as mídias que divulgam as novas descobertas e, claro, a população preta se apropriar disso como forma de armar-se contra qualquer oposição que deslegitima a importância do continente africano. Mas, infelizmente, o que acontece e é inadmissível é que no principal ambiente onde as informações devem ser passadas, o ambiente escolar, é onde mais está aglomerado o opressor. Ali, o indivíduo inicia sua vida em sociedade já sendo hostilizado pelos colegas da mesma idade e pelos próprios professores e funcionários. O aluno e a aluna pretos não se veem representados pela sua cultura, sua origem; a maioria dos heróis, cientistas, inventores e literatos apresentados a eles são brancos. Entre todos esses citados existem, sim, os pretos, mas não são levados para o ambiente escolar. Então, o aluno e a aluna pretos nunca veem seus semelhantes de forma positiva porque quando se fala em África, em História da África, recorta-se a história para a escravidão e o sentimento de pena ‘por um povo tão coitado’. Ficar esperando que a escola assuma a missão de conscientizar é perder mais décadas de aprendizado. A comunidade preta deve se comprometer a ir em busca das informações e compartilhar entre si; assim como fazem as comunidades orientais, judaicas, europeias e nenhuma é criticada por causa disso. Se fosse dado ao continente africano o mesmo valor positivo dado a tudo que vem da Europa, teríamos um Brasil totalmente diferente do que existe hoje, mas o projeto europeu de se hegemonizar deu muito certo. Mas ainda há tempo de conscientizar todos os pretos e todas as pretas para se voltarem mais ao conhecimento da sua própria história e conhecer sobre cultura, invenções, modo de vida e Ciência que os antepassados deixaram como herança construída há tantos milhares de anos. Como diz o pesquisador e historiador Carlos Machado, autor do livro **Gênios da Humanidade: Ciência, Tecnologia e Inovação Africana e Afrodescendente**<sup>1</sup>, ‘a África é o Berço da Humanidade e do Conhecimento’.

## ÁFRICA NEGLIGENCIADA PELOS OCIDENTAIS<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Disponível em: <http://todosnegrosdomundo.com.br/lancamento-de-genios-da-humanidade-ciencia-tecnologia-e-inovacao-africana-e-afrodescendente/>

<sup>2</sup> “O que definimos como cultura ocidental é a vivência e educação por base na Filosofia Greco-Romana, Espiritualidade Judaico-Cristã, Modelos político e econômico que está na Revolução Francesa e Industrial” (NOGUERA, 2016).

Quando se fala em estudar História da África logo vem ao pensamento das pessoas que vai ser um triste e árduo trabalho porque terá que ler sobre escravidão. Porém, estudar a África está muito além desse sistema que violou todos os direitos humanos até hoje. Durante muitos anos, até mesmo séculos, a África foi negligenciada, sendo tratada como inferior a todos os lugares do mundo. Essa percepção de inferioridade se deu através da visão que os ocidentais deram ao mundo sobre o continente africano. Enquanto o europeu esteve à frente da historiografia mundial, ocupou o lugar de cultura hegemônica e ideal para a humanidade. Mas de alguns anos para cá esta ideia vem se dissolvendo e dando lugar a uma outra perspectiva, a africana. É urgente saber a História da África ditada pelos próprios africanos e de levar ao conhecimento veracidades que foram escondidas pelos ocidentais fazendo o mundo inteiro acreditar que África é o lugar mais inferior do mundo. Assim, Ki-Zerbo, editor do primeiro volume da Coleção História Geral da África, diz logo na Introdução deste volume:

“... a história da África deve ser reescrita. E isso porque, até o presente momento, ela foi mascarada, camuflada, desfigurada, mutilada. Pela ‘força das circunstâncias’, ou seja, pela ignorância e pelo interesse. Abatido por vários séculos de opressão, esse continente presenciou gerações de viajantes, de traficantes de escravos, de exploradores, de missionários, de procônsules, de sábios de todo tipo, que acabaram por fixar sua imagem no cenário da miséria, da barbárie, da irresponsabilidade e do caos. Essa imagem foi projetada e extrapolada ao infinito ao longo do tempo, passando a justificar tanto o presente quanto o futuro.” (KI-ZERBO, 2010, p. XXXII)

O autor ainda ressalta a necessidade de pensar a contagem da história da África pelos africanos, pelos donos da casa, como sendo a verdadeira. A intenção não é criar disputa entre esses escritores e os europeus.

“Não se trata aqui de construir uma história-revanche, que relançaria a história colonialista como um bumerangue contra seus autores, mas de mudar a perspectiva e ressuscitar imagens ‘esquecidas’ ou perdidas. Torna-se necessário retornar à ciência, a fim de que seja possível criar em todos uma consciência autêntica. É preciso reconstruir o cenário verdadeiro. É tempo de modificar o discurso. Se são esses os objetivos e o porquê desta iniciativa, o como – ou seja, a metodologia – é, como sempre, muito mais penoso. É justamente esse um dos objetivos desse primeiro volume da História Geral da África, elaborada sob o patrocínio da UNESCO.” (KI-ZERBO, 2010, p. XXXII)

É fundamental que se compreenda a importância do estudo da África para a História. Apesar de durante muito tempo alguns historiadores, senão a maioria, afirmarem que a o continente africano não tinha história, essa visão precisou ser desconstruída. Para eles, a

África era um local mítico, ligado à natureza, mas sem cultura. Isso, por quê? Porque para os historiadores de antigamente, um lugar onde não havia a escrita não tinha história.

“Durante muito tempo, alguns pensadores assinalaram em seus discursos que a África era um continente sem história, pois não tinha escrita. Nessa linha de raciocínio, a África estaria mais próxima da natureza do que da cultura. Essa visão justificava uma ideologia e uma política de dominação sobre os povos e riquezas do continente africano.” (FABRÍCIO; BRITO, 2012, p. 12)

Essa desvalorização que era dada à África deve-se ao fato de que quando se falava em História da Pré-história e História da Humanidade, esses dois períodos são divididos por antes e depois da escrita. Ou seja, a invenção da escrita é o que marca a separação desses dois períodos. Essa divisão causou precipitações e preconceito porque passou-se a entender que as sociedades sem escrita não tinham história (FABRÍCIO; BRITO, 2012, p. 11).

Historiadores conceituados deram declarações totalmente depreciativas em relação ao continente africano por alimentarem a ideia de que um lugar sem escrita não é digno de ser considerado como civilizado. Assim, o historiador Hegel (1770-1831) definiu que “A África não é um continente histórico; ela não demonstra nem mudança nem desenvolvimento”. Os povos negros “são incapazes de se desenvolver e de receber uma educação. Eles sempre foram tal como os vemos hoje” (FAGE, 2010, p. 65). Além de Hegel, alguns outros historiadores também seguiam a sua mesma linha de raciocínio em relação à África. Também Archibald Dalzel, responsável pelo *The History of Dahomey (1793)*, declarou que “para chegar a um justo conhecimento da natureza humana, é absolutamente necessário preparar o caminho através da história das nações menos civilizadas...” (Dalzel, 1793 apud Fage, 2010). Para exemplificar com apenas mais uma declaração negativa sobre a África, ainda tem a fala de um professor de História Moderna na Universidade de Oxford, no século XIX, que diz:

“Pode ser que, no futuro, haja uma história da África para ser ensinada. No presente, porém, ela não existe; o que existe é a história dos europeus na África. O resto são trevas... e as trevas não constituem tema de história. Compreendam-me bem. Eu não nego que tenham existido homens mesmo em países obscuros e séculos obscuros, nem que eles tenham tido uma vida política e uma cultura interessantes para os sociólogos e os antropólogos; mas creio que a história é essencialmente uma forma de movimento e mesmo de movimento intencional. Não se trata simplesmente de uma fantasmagoria de formas e de costumes em transformação, de batalhas e conquistas, de dinastias e de usurpações, de estruturas sociais e de desintegração social...”. (FAGE, 2010, p. 9)

Para A. P. Newton, a África não possuía nenhuma história antes da chegada dos europeus. Para ele, a história começa quando há textos escritos que possam comprovar alguma coisa. Se fosse para escrever a história do continente antes do imperialismo europeu,

esta só poderia se dar por meio dos restos de materiais, linguagem e dos costumes como testemunhas, atividades estas que são funções de arqueólogos, linguistas, antropólogos, e não de historiadores.

“Segundo ele, a África não possuía ‘nenhuma história antes da chegada dos europeus’. A história começa quando o homem se põe a escrever. Assim o passado da África antes do início do imperialismo europeu só podia ser reconstituído ‘a partir de testemunho dos restos materiais, da linguagem e dos costumes primitivos’, coisas que não diziam respeito aos historiadores, e sim aos arqueólogos, aos linguistas e aos antropólogos”. (J.A.S, 1922-1923 apud FAGE, 2010, p. 11)

Se forem listados todos os historiadores que fizeram um rico trabalho em prol da depreciação de África, precisará de um artigo específico. Porém, os historiadores atuais já não precisam mais se basear nessas afirmações desses citados para conhecerem e pesquisarem mais sobre o continente-Mãe. Por ter capacidade interdisciplinar, África pode ser estudada por diversas formas, como pela Arqueologia, Linguística, Antropologia. Na Arqueologia foi mostrada a importância das fontes escritas e de qualquer outro tipo de material encontrado. A Antropologia cuidou da parte de mostrar a possibilidade de comunicação de maneira que não seja apenas a escrita. Assim afirmam Fabrício e Brito,

“Para os historiadores da atualidade, a inexistência de registros escritos não é empecilho para a constituição de uma história da África. A Arqueologia relativizou a importância das fontes escritas e mostrou o valor de todo e qualquer indício material para a História. A antropologia e a Linguística tornaram evidentes a importância da oralidade e de outras formas de linguagem, diferentes da escrita. (FABRÍCIO; BRITO, 2012, p. 12)

Para se falar da Pré-história africana é fundamental que se desvincule dos conceitos ocidentais de pré-história, já que para os europeus a escrita é o que marca a divisão entre pré-história e história propriamente dita. Para eles, a Pré-história é o período que antecede a invenção da escrita. Porém, durante muitos anos, inclusive após a invenção da escrita, muitas sociedades africanas usavam da oralidade para se comunicar. Essa divisão determinada pelos ocidentais é artificial, já que algumas localidades africanas não possuem testemunhos escritos e muitos grupos ainda preferem viver como coletores e caçadores, mesmo vivendo ao lado de grupos agrícolas e sedentários (FABRÍCIO; BRITO, 2012).

Porém, apesar de durante um bom tempo os europeus terem dominado o estudo sobre a África, houve um momento em que os norte-africanos tomaram esse lugar por direto. Ao se observar a datação, é muito recente este acontecimento. A partir de 1930, o movimento modernizador no Islã e o nascimento dos movimentos nacionalistas passaram a ocupar a função de contar a história da África. Foram criadas escolas próprias para que se produzissem

obras também em inglês e francês, além das obras em árabes já existentes. Observe o trecho a seguir relatado por Fage em seu capítulo no primeiro volume da coleção História Geral da África

“Após a expedição de Napoleão Bonaparte ao Egito em 1798, o norte da África tornou-se novamente um campo de estudos que os historiadores não podiam negligenciar. Com a expansão do poder colonial europeu nessa parte da África – após a conquista de Argel pelos franceses em 1830 e a ocupação do Egito pelos britânicos em 1882 – um ponto de vista europeu colonialista passou a dominar os trabalhos sobre a história da porção norte da África. No entanto, a partir de 1930, o movimento modernizador do Islã, o desenvolvimento da instrução de estilo europeu nas colônias da África do Norte e o nascimento dos movimentos nacionalistas norte-africanos começaram a combinar-se para dar origem a escolas autóctones de história que produziam obras não apenas em árabe, mas também em francês e inglês, restabelecendo assim o equilíbrio nos estudos históricos dessa região do continente” (FAGE, 2010, p. 1)

As obras eram escritas primeiro em árabe. Isso se deve ao fato de o norte da África estar bastante próximo ao Oriente. As influências orientais perpetuam até hoje. O continente costuma ser dividido geograficamente recebendo definições como duas Áfricas: o deserto do Saara é o referencial. (1) Portanto, o norte da África, que fica acima do Saara, é marcado pela influência da árabe. (2) E a parte que fica abaixo do Saara é chamada de Subsaariana, que tem influências das culturas locais.

Mesmo havendo esta divisão geográfica, as duas partes se influenciaram. A África Meridional (Austral, Sul) é composta pelo que hoje são os países África do Sul, Angola, Botswana, Lesoto, Madagascar, Malawi, Maurícia, Moçambique, Namíbia, Suazilândia, Zâmbia e Zimbabwe. Esses povos adotaram um pouco da cultura da África Setentrional sem que suas principais características fossem influenciadas. Setentrional é o mesmo que Norte, e compreende o que hoje são os países Argélia, Egito, Líbia, Marrocos, Tunísia e Saara Ocidental. A penetração de uma cultura na outra geralmente é associada à invenção da escrita. Mokhtar e Vercoutter relatam que

“Por volta de -3700, pode-se notar uma unificação da cultura material dos dois centros de civilização do vale do Nilo; mais precisamente, o centro meridional, embora mantendo suas características distintivas, adota parcialmente a cultura do centro setentrional. Essa penetração da civilização do norte em direção ao sul é frequentemente associada, por um lado, à invenção da escrita, e por outro, ao aparecimento, no Egito, de povos invasores mais avançados do que os habitantes autóctones.” (MOKHTAR; VERCOUTTER, 2010, p. LIX)

E continuam,

“...Nos períodos pré e protodinásticos há intenso intercâmbio entre os dois grupos populacionais: encontram-se as mesmas técnicas de cerâmica e argila esmaltada (faiança egípcia), os mesmos ornatos, armas similares, a mesma crença na vida após

a morte e ritos funerários afins. Durante esses contatos, os egípcios devem ter mantido relações – diretas ou através de intermediários - com os povos mais distantes da África, como se pode deduzir a partir do número de objetos de marfim e ébano que foram recolhidos nos túmulos egípcios mais antigos. Mesmo admitindo que a fronteira ecológica do ébano situava-se mais ao norte do que atualmente, ainda assim era muito distante da Baixa Núbia; esse fato nos fornece um preciosos indício de contatos entre a África ao sul do Saara e o Egito. Além do marfim e do ébano, o incenso, que aparece muito cedo, e a obsidiana, ambos produtos estranhos ao vale do Nilo, podem ter sido importados pelos egípcios. Através desse comércio, técnicas e ideias devem ter circulado com facilidade de uma área para outra, dado que, como vimos, os egípcios tinham um considerável substrato africano.” (MOKHTAR; VERCOUTTER, 2010, p. LIX-LX)

Séculos depois, Cheikh Anta Diop fez uma ressalva sobre a extrema necessidade de os historiadores africanos conectarem toda a história do continente africano ao Egito, principalmente o estudo das línguas, instituições etc. Logo no Prefácio da sua obra *A Origem Africana da Civilização*, Diop chama a atenção para a deficiência do ensino ocidental sobre a história africana. O autor enfatiza seu interesse em formar pesquisadores ousados, honestos e comprometidos para comprovar a história da África verdadeira. Ainda num trecho do seu Prefácio, ele esclarece a importância de os historiadores africanos conectar a História da África Preta à História do Egito. Como segue,

“1. O Antigo Egito foi uma civilização Preta.

A História da África Preta permanecerá suspensa no ar e não pode ser escrita corretamente até que historiadores Africanos se atrevam a conectá-la com a história do Egito. Em particular, o estudo das línguas, instituições, e assim por diante, não podem ser tratadas adequadamente; em uma palavra, será impossível construir ‘Humanidade’ Africano, um corpo de ciências humanas Africano, desde que essa relação não apareça legítima. O historiador Africano, que evita o problema do Egito não é nem modesto nem objetivo, nem imperturbável; ele é ignorante, covarde e neurótico. Imagine, se pode, desconfortável posição de um historiador ocidental que fosse escrever a história da Europa sem se referir à Antiguidade Greco-Latina e tentasse passar por fora daquilo como uma abordagem científica.” (DIOP, 1974, p. 16)

No que se refere aos historiadores que influenciaram profundamente na narrativa da história da África os árabes eram muito bem informados. Essa habilidade era adquirida porque a utilização do camelo facilitava no traslado de um lugar para o outro. Os povos do Saara utilizavam bastante este animal como meio de transporte. Além disso, a aquisição de sabedoria se deu porque houve a regularização do comércio entre o Oriente Próximo e a África. Então, os negociantes norte-africanos podiam transitar pelo Sudão de forma mais fácil e livre. Mercadores da Arábia e do Oriente foram se instalando ao longo da costa oriental africana em resultado da grande proporção que o comércio estava tomando entre essas duas regiões. A prática se resume com

“Os autores árabes eram mais bem informados, uma vez que em sua época a utilização do camelo pelos povos do Saara havia facilitado o estabelecimento de um comércio regular com a África ocidental e a instalação de negociantes norte-africanos nas principais cidades do Sudão ocidental. Por outro lado, o comércio com a parte ocidental do oceano Índico tinha se desenvolvido a tal ponto que um número considerável de mercadores da Arábia e do Oriente Próximo se instalara ao longo da costa oriental da África. Assim, as obras de homens como al-Mas’udí (que morreu por volta de +950), al-Bakri (1029-1094), al-Idrisi (1154), Yakut (cerca de 1200), Abu’l-Fida (1273-1331), al’Umari (1301-1349), Ibn Battuta (1304-1369) e Hassan Ibn Mohammad al-Wuzza’n (conhecido na Europa pelo nome de Leão, o Africano, 1494-1552 aproximadamente) são de grande importância para a reconstrução da história da África, em particular a do Sudão ocidental e central, durante o período compreendido entre os séculos IX e XV.” (FAGE, 2010, p. 2)

Pouco se fala das civilizações africanas e os períodos de transição do continente. Quase não se encontram fontes confiáveis nas quais se pode acreditar que de fato tal história escrita é verdadeira. Os ocidentais monopolizaram a história dando crédito, por exemplo, a Heródoto como o ‘pai da História’. Mas ninguém comenta da importância do norte-africano Ibn Khaldun (1332-1406), nascido em Túnis. Khaldun dedicou boa parte do seu trabalho para contar a História da África e suas relações com os outros povos do Mediterrâneo e do Oriente Próximo. É a ele também que se deve creditar o conhecimento sobre a história da África tropical mesmo sendo do norte do continente; não se limitou apenas à região de onde pertencia, dedicou seu tempo a outros povos que se encontravam do outro lado do Saara. O Império do Mali, por exemplo, teve sua história contada por Ibn Khaldun. À época, o grande império havia alcançado seu auge. O capítulo da obra de Ibn que fala sobre o Império do Mali foi fundamentado pela tradição oral da época. E como era tradição do império, até quando o primeiro volume da História Geral da África foi escrito, em 1981, essa obra é considerada a base essencial da história desse grande Estado africano.

Durante muitos anos, historiadores e arqueólogos tentaram responsabilizar antropólogos e linguistas para o estudo sobre África alegando que para suas práticas esse continente, mais especificamente a parte subsaariana, ~~a África Negra~~, não precisava receber qualquer atenção da parte deles. Já para os antropólogos e linguistas, observar a imensa variedade dos tipos físicos, as sociedades e línguas existentes nessa região do continente, isso seria um material imenso para tais disciplinas que estavam crescendo e se desenvolvendo a cada dia. (FAGE, 2010, p. 11-13)

A primeira oportunidade que historiadores africanos tiveram para contarem sua própria história foi somente no século XX. Percebe-se que a História da África pela África começou muito recentemente em relação aos séculos que o europeu esteve à frente de contar

toda a história da forma como a entenderam. Por meio das datas registradas, é preciso compreender que o trabalho de desconstrução da História que os europeus contaram levará mais alguns vários anos para tomar seu lugar de verdade. Como mencionado, no século XX, mais precisamente a partir do ano de 1947, a *Société Africaine de Culture* e sua revista *Présence Africaine* dedicaram-se para promover uma história. Eles trabalharam para contar a história do continente berço da humanidade de maneira descolonizada, ~~somente a verdade~~. Os intelectuais africanos da época haviam aprendido técnicas de pesquisa com os europeus e usaram dessa habilidade adquirida para definirem e buscar todo o passado negado pelo colonialismo. Em 1974, a UNESCO promoveu um simpósio no Cairo e foi neste evento que africanos e não africanos puderam ficar frente a frente e confrontar livremente o que cada um levava de informações sobre a África. Ou seja, neste simpósio se encontraram aqueles que sempre escreveram a História da África como quiseram, sob a ótica que quiseram; e aqueles que eram filhos de África, que vivenciaram e viviam exatamente no local onde os europeus negaram como civilização e indignos de qualquer dedicação de tempo para estudo. O foco do assunto foi o confronto dos “pontos de vista sobre o problema do povoamento do antigo Egito” (FAGE, 2010, p. 20). Um dos pesquisadores que se destacou no simpósio foi Cheikh Anta Diop, o precursor das provas de que a raça humana se originou em África. É considerado um dos maiores historiadores do século XX e até hoje é reverenciado cada vez mais pela população preta. Nos escritos de Diop é transparente seu incômodo:

“Quando eles explicam seu próprio passado histórico ou estudam suas línguas, aquilo parece normal. No entanto, quando um Africano faz o mesmo para ajudar a reconstruir a personalidade nacional de seu povo, distorcida pelo colonialismo, que é considerado ultrapassado ou alarmante. Defendemos que um estudo como esse é o ponto de partida para a revolução cultural devidamente compreendida.” (DIOP, 1974, p. 15)

Quando as outras culturas estudam suas histórias isso é visto com naturalidade e admiração. Os orientais e judeus, por exemplo, costumam aplicar sua cultura no dia a dia. Isso pode incluir até as relações de amizades e afetivas. Todo o restante da população enxerga essa prática como respeito. O mesmo pode acontecer com o europeu. Há aqueles que ainda querem adotar em suas vidas a cultura europeia por achá-la culta. Mas se o africano decide aplicar em seu dia a dia sua cultura, ele é hostilizado e minimizado por isso. Em sua obra ‘A Origem da Civilização Africana’, Diop enfatiza a importância de os pretos estudarem sua História a fim de ajudar a reconstruir a personalidade nacional de seu povo que foi distorcida pelo colonialismo.

## BRASIL É EXTENSÃO DA ÁFRICA

Enquanto na Europa estavam acontecendo atividades centralizadas no conhecimento sobre a África com a presença dos africanos do continente, o Brasil ainda caminhava lentamente nessa evolução intelectual sobre a importância da África. Politicamente, o país vivia o contexto da Ditadura Militar. Na Educação, o ensino de História ainda passava por estruturas para se adequar ao contexto em andamento. O objetivo do sistema educacional era proporcionar ao aluno e futuro participante da sociedade reflexões e debates sobre a importância do estudo de História na formação do cidadão.

É sabido que antes de ocorrer a Abolição, em 1888, o sistema educacional não incluía estudo de História para pobres e, obviamente, negros. Após a Abolição, foi necessário repensar esta disciplina e a Educação de forma que tentassem incluir os ‘novos cidadãos’. Porém, não se pensou de forma a incluir os negros de fato; pensou-se mesmo em criar uma característica que descrevesse a sociedade brasileira. Simplesmente quiseram criar uma maneira de estudar História de forma que implantasse na mente dos alunos que o Brasil era um país multirracial, multicultural e que vivia uma verdadeira democracia racial. O advento da República deveria ter trazido ao cidadão brasileiro o sentimento patriótico. Veja o que diz os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) do Ensino Fundamental,

No final do século XIX, com a abolição da escravatura, a implantação da República, a busca da racionalização das relações de trabalho e o processo migratório, houve novos desafios políticos. Nesse contexto ganharam força as propostas que apontavam a educação, em especial a elementar, como forma de realizar a transformação do país. “O regime republicano, sob a égide de um nacionalismo patriótico, buscava inserir a nação num espírito cívico. A escola elementar seria o agente da eliminação do analfabetismo ao mesmo tempo em que efetuar a moralização do povo e a assimilação dos imigrantes estrangeiros no interior de uma ideologia nacionalista e elitista que apontava a cada segmento o seu lugar no contexto social.” (BRASIL, 1997, p. 20)

Ainda,

“Nos programas e livros didáticos, a História ensinada incorporou a tese da democracia racial, da ausência de preconceitos raciais e étnicos. Nessa perspectiva, o povo brasileiro era formado por brancos descendentes de portugueses, índios e negros, e, a partir dessa tríade, por mestiços, compondo conjuntos harmônicos de convivência dentro de uma sociedade multirracial e sem conflitos, cada qual colaborando com seu trabalho para a grandeza e riqueza do país.” (BRASIL, 1997, p. 21)

Para os brasileiros, estudar a África é como extensão da nossa história. Não se pode resumir a presença dos africanos na História do Brasil com foco na escravidão. Muitas

características do jeito de ser do brasileiro, como forma de falar, se expressar, a alegria, são herança africana. A escravidão é apenas um recorte negativo que, infelizmente, fixou-se muito mais na mente dos brasileiros por meio de um trabalho muito bem feito pelos europeus, de forma que o próprio brasileiro e afrodescendente – que não se reconhece como descendente africano – deprecia o africano e não acredita, ou desconhece, a riqueza cultural, científica e moral que o continente tem e poucas pessoas sabem.

A forma como os africanos vieram para o Brasil é triste e revoltante, obviamente. Mas quando se fala nesse acontecimento, é importante salientar que entre as pessoas que vinham forçadamente através do navio transatlântico “havia homens e mulheres ocupados com as mais diversas atividades. Lá viviam alfaiates, pescadores, ceramistas, músicos, contadores de histórias, apenas para citar alguns dos seus ofícios”, segundo Araújo. A honra a esses antepassados se deve ao fato de que foram obrigados a deixar família, trabalho, forma de vida e foram levados (sem que soubessem o destino) brutalmente para serem reduzidos à condição de escravos em um mundo totalmente desconhecido. Ainda sobre a resistência e ao respeito que devemos a essas pessoas escravizadas é que mesmo diante de tanto sofrimento, ainda conseguiram deixar marcas para a construção deste país. É importante ressaltar o quanto de tradição e costume deixaram para os brasileiros: “dança, jeito de ser, religiosidade, linguagem” (FABRÍCIO; BRITO, 2012, p. 13).

A História da África juntamente com a do Brasil é extensa. Por isso, é necessário fazer recortes para que não se fuja de algum assunto principal. Da importância que a África tem para o Brasil no que se refere à construção da cultura brasileira, a dança, religiosidade, linguagem e jeito de ser não podem ficar de fora. Quando se fala em dança/música, logo vem à mente das pessoas o samba. Este ritmo nasceu no Brasil, mas com bastante influência africana. Pelo fato de durante muitos anos o colonizador trabalhar na mente do colonizado que sua cultura e tudo que vem dela é negativo, muitos brasileiros e afro-brasileiros renegam o samba marginalizando-o. Mas foi inevitável que este ritmo tenha se tornado o símbolo da cultura afro-brasileira. Acima foi citado que a linguagem do brasileiro carrega característica africana. Para compreenderem de forma mais explicativa, vejam esta definição do nome samba:

“Explicações são o que não faltam sobre a origem do termo ‘samba’. Enquanto uma linha de pesquisa afirma que o termo nasceu da língua árabe, sendo no início ‘zambra’ ou ‘zamba’; outros afirmam que é originário de uma das diversas línguas africanas existentes, o quimbundo. Neste caso, morfologicamente, ‘sam’ significa ‘dar’ e ‘ba’ significa ‘receber’, ou então, ‘coisa que cai’. Há, ainda, uma terceira

versão, que afirma que o termo é de procedência angolana ou congoleza, que conta com a grafia ‘semba’ (umbigada). Versão, que no Brasil, é levada mais a sério.” (LIMA, 2014)

Quem não conhece a famosa marchinha de Chiquinha Gonzaga “Ô Abre Alas”? Então, essa e outras eram criadas para as escolas de samba do Rio de Janeiro, antiga capital do Brasil. Outros compositores renomados, além de Chiquinha, também estavam na lista dos melhores sambas, como Heitor Prazeres, Pixinguinha, João da Baiana, por exemplo. Com o tempo, o samba foi ganhando repaginações e as marchinhas foram substituídas pelos sambas-enredos como é nos dias atuais.

No campo da linguagem, o português falado no Brasil recebeu fortes influências das línguas africanas. Acima foi citado, por exemplo, que o samba é da língua quimbundo. Essa língua está entre as três que mais vieram para o Brasil junto com os africanos que foram escravizados. A lista das três é composta pelo: quimbundo, quicongo e umbundo<sup>3</sup>. Para falar um pouco sobre a influencia das línguas africanas na formação do português do Brasil levaremos em conta sua estada entre nós sem comentar a parte dolorosa de como chegaram até aqui.

Os africanos que vieram para o Brasil eram de diversas partes da África. Não há como afirmar com exatidão a origem de cada um. Eles eram todos misturados no navio e seguiam viagem. Apesar de cada quantidade ser de um lugar da África, eles desenvolveram uma forma de se comunicar dentro das embarcações usando a língua quimbundo, que é uma língua pertencente ao grupo linguístico bantu (LIMA, 2015). As três línguas africanas têm cada uma seu respectivo lugar em África. Assim segue,

“...Umbundo é a língua do grupo étnico Ovimbundu. A localização desse grupo é no centro-sul e litoral a oeste angolano. A língua quicongo é da região norte da Angola, onde está concentrado o grupo étnico Bakongo.... A terceira língua, quimbundo, é do grupo Ambundo, instalado no centro-norte do país” (LIMA, 2015, p. 119)

Aqui no Brasil, todas foram muito presentes, mas o quimbundo foi a mais usada principalmente pelos jesuítas para doutrinar os africanos. Estima-se que foram, aproximadamente, 25 mil africanos evangelizados pelos jesuítas (LIMA, 2015, p. 119). É importante que todos os brasileiros conheçam as palavras do próprio vocabulário diário que fazem parte das línguas africanas. A importância que se dá quando algum termo utilizado no dia a dia é inglês, francês, grego, etc. deve-se dar aos termos africanos também. Afinal, a

<sup>3</sup>A grafia original das três línguas é: kimbundu, kikongo e umbundo. No texto está aportuguesada.

cultura africana é predominante no Brasil, porém as escolas não se atentam a isso, mesmo sendo elas as principais responsáveis por passar este tipo de conhecimento.

As palavras de origem africana e a língua portuguesa do Brasil têm semelhanças entre si. A estrutura começa pela formação das palavras que é composta sempre por uma consoante e uma vogal. Segundo Yeda Pessoa de Castro, etnóloga muito bem-conceituada no Brasil:

“Depois de quatro séculos de contato direto e permanente de falantes africanos com a língua portuguesa no Brasil, esse processo de interação lingüística, apoiada por fatores favoráveis de ordem sócio-histórica e cultural, foi provavelmente facilitado pela proximidade relativa da estrutura lingüística do português europeu antigo e regional com as línguas negro-africanas que o mestiçaram. Entre essas semelhanças, o sistema de sete vogais orais (a, e, ê, i, o ê, u) e a estrutura silábica ideal (CV.CV) (consoante vogal.consoante vogal), onde se observa a conservação do centro vocálico de cada sílaba e não há sílabas terminadas em consoante. **Essa semelhança estrutural provavelmente precipitou o desenvolvimento interno da língua portuguesa e possibilitou a continuidade da pronúncia vocalizada do português antigo na modalidade brasileira (onde as vogais átonas também são pronunciadas), afastando-a, portanto, do português de Portugal, de pronúncia muito consonantal, o que dificulta o seu entendimento por parte do ouvinte brasileiro, fazendo-lhe parecer tratar-se de outra língua que não a portuguesa.**” (CASTRO, 2008 apud LIMA, 2015, p. 120)

Palavras como: xingar, cochilar, cutucar, caçula, cafuné, dendê, falação, muxoxo, quitanda, quilombo, tocaia, sobrado, quitute, xará, camundongo. As línguas africanas e o português do Brasil conversam entre si e muita gente não faz ideia disso: são muitas as palavras, estruturas e formas de se expressar tanto na escrita como na fala. Isso também é dever da escola instruir.

A religiosidade - Este é um assunto bastante delicado no Brasil em tempos que se vê constantemente nos noticiários atitudes de intolerância religiosa. O candomblé, religião de matriz africana, precisa ser respeitado. As pessoas criam uma crítica diante do desconhecido e tomam aquilo como verdade. Quando se conhece a cultura das pessoas e recebe tais informações com a mente aberta e respeitosa, a aceitação do que não é do costume do indivíduo é assegurada. Religiões orientais, indianas, europeias são muito bem aceitas. Por que será que a única não aceita é a africana? Conversa para um outro artigo, pois este assunto é bastante extenso e delicado porque envolve o respeito também pela fé do próximo.

Todos os elementos apresentados como parte da cultura brasileira são de origem africana. Inclusive, quando se fala em cultura do Brasil não é citada nenhuma tradição que seja de origem europeia, oriental, por exemplo. A forma como os africanos vieram para cá, a vida que os negros sempre tiveram de preterimento e ainda a têm, o mito da democracia racial, preconceito contra religiosidade, dança, linguística, nada foi e é suficiente para ofuscar

que o Brasil tem em sua característica muita africanidade independentemente da quantidade de influências de outras partes do mundo; isso é resistência tanto dos africanos do continente que vieram quanto dos seus descendentes que se mantêm firme até hoje para não deixar a cultura morrer. Quando se pensa cultura brasileira é natural pensar em samba, feijoada, alegria, religiosidade; é inegável que todos esses elementos são de origem africana. Por isso, o Brasil é uma extensão da África.

## CONCLUSÃO

Estudar a História da África pelos próprios africanos é a melhor forma de compreender o continente de uma maneira não deturpada. É como conhecer a verdadeira História, contada pelos donos da casa. É de extrema importância que busquemos informações do antes e depois da colonização para entendermos o dia de hoje. África, na visão dos ocidentais só tem miséria, fome, conflitos. Problemas que a maioria dos lugares do mundo tem. O maior azar foi que os europeus conseguiram propagar a visão de que o continente africano é indigno de atenção por conta da falta de escritos. Mas eles não citam um item essencial que faz parte da cultura africana: a tradição oral. África é rica em cultura, linguagem, filosofia e ciência. A cada descoberta nesses ramos é um salto para o empoderamento do continente diante do mundo, que sempre esteve disposto a negligenciá-lo. É fundamental que acadêmicos pretos se voltem para este tipo de pesquisa para que possamos cada vez mais desconstruir a ideia de uma África pequena, inferiorizada e preterida. É hora de darmos espaço nos estudos sobre África para o que os antepassados construíram na área da Ciência também. Precisa-se começar a pensar África não apenas como cultural, pois quando se fala em cultural a ideia que se tem é que se pode concordar ou não, pode aceitar ou não. Mas quando se fala em Ciência, o peso é totalmente diferente, são informações nas quais não entra a possibilidade de opinião, porque a Ciência trabalha com fatos. Os estudos africanos precisam ocupar seu lugar de direito que foi roubado pelos europeus. Para isso, é necessário que a nova turma de acadêmicos se preparem para a Educação e se alimentem de conhecimento ao máximo para que possam repassá-lo às novas gerações, pois elas merecem conhecer positivamente o continente africano. As crianças pretas precisam se ver representadas e se sentirem parte da sociedade e da história; e as crianças brancas para

---

aprenderem a respeitar o próximo. Não digo o diferente, pois todos são seres humanos, apenas com fenótipos diferentes.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SECRETARIA DA EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **Parâmetros curriculares nacionais: História, Geografia**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

SECRETARIA DA EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **Parâmetros curriculares nacionais 2: História**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

DIOP, Cheikh Anta. **A origem africana da civilização: mito ou realidade**. EUA: Lawrence Hill & Co, 1974.

FABRÍCIO, Edson Lucas; BRITO, Edilson Pereira. **História da África e dos africanos dos primórdios ao período pré-colonial**. Indaial: Editora Grupo UNIASSELVI, 2012.

FAGE, John Donnelly. A evolução da historiografia da África. In: Ki-Zerbo, Joseph. **História Geral da África: metodologia e história da África**. 2 ed, Vol. I. Brasília: UNESCO, 2010. Cap 1, p. 1-22.

KI-ZERBO, Joseph. **História Geral da África: metodologia e pré-história da África**. 2 ed, Vol I. Brasília: UNESCO, 2010.

LIMA, Gláucia Quênia Bezerra de. **A história do samba unindo brasileiros e africanos**. AFREKA. Disponível em <http://www.afreaka.com.br/notas/a-historia-do-samba-unindo-brasileiros-e-africanos/>. Acesso em 20 de março de 2018.

LIMA, Gláucia Quênia Bezerra de. **Línguas Africanas: a influência das línguas africanas no idioma brasileiro**. *Revista Capoeira de Humanidades e Letras*, v. 1, n. 2, abril/2015. Disponível em <http://www.capoeirahumanidadeseletras.com.br/ojs-2.4.5/index.php/capoeira/article/view/22>. Acesso em 19 de março de 2018.

MOKHTAR, G.; VERCOUTTER, Jean. Introdução Geral: o Egito africano, receptáculo de influências. In: G. Mokhtar. **História Geral da África: África Antiga**. 2 ed, Vol. II. Brasília: UNESCO, 2010.

NOGUERA, Renato. **Seminário enfrentando o racismo estrutural**. 2016. Disponível em [http://www.crpsp.org.br/portal/comunicacao/2016\\_05\\_20-seminario-racismo/2016\\_05\\_20-seminario-racismo.html](http://www.crpsp.org.br/portal/comunicacao/2016_05_20-seminario-racismo/2016_05_20-seminario-racismo.html). Acesso em: 10 de março de 2018.

\*\*\*

---

Artigo recebido em março de 2018. Aprovado em dezembro de 2018.